

A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO AMAZONAS: CAMINHOS TRILHADOS NA LITERATURA E NA IMPRENSA

Raimunda Thamires Moura Maquiné (UEA)¹

Prof.^aDr.^a Renata Beatriz B. Rolon (orientadora)²

RESUMO: Este estudo é intitulado “A história da literatura infantojuvenil no Amazonas: caminhos trilhados na literatura e na imprensa”. Assim, possui como objetivo verificar como estrutura-se a literatura direcionada a crianças e jovens produzida no estado. A metodologia foi composta a partir de um trabalho de investigação nas principais bibliotecas localizadas em Manaus. Posteriormente, deu-se a análise do material encontrado. Para compor o referencial teórico foram utilizados autores como Arroyo (2011), Candido (2000), Cademartori (2010) Coelho (2010), Mendes (1994) entre outros. Nesse prisma, consideramos que este estudo irá contribuir significativamente com a escrita de mais um capítulo da História da Literatura infantojuvenil no Amazonas, assim como da historiografia brasileira.

Palavras-chave: Literatura; Literatura infantojuvenil no Amazonas; Historiografia brasileira.

¹ Graduanda do curso Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Amazonas.

² Professora Doutora em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa (UEA).

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura infantojuvenil produzida no Amazonas é uma produção recém nascida. O seu mapeamento revela-se um exercício difícil, quando se trata de uma literatura criada à margem do cânone dos grandes centros. Nesse sentido, a partir de um projeto de iniciação científica que teve seu início em 2016 e término no primeiro semestre de 2017, iniciamos o estudo acerca da literatura infantojuvenil Amazonas. Após o término do projeto, o tema o ganhou continuidade através do presente estudo.

A partir da concepção de que a literatura apresenta um complexo de atividades que se estende para além da obra, este estudo rastreou produções de autores que atuaram ou atuam na cena literária local. Desse modo, pretendeu-se estabelecer, a partir do levantamento dos textos, em que momento houve o direcionamento para o público infantojuvenil.

Para o desenvolvimento da pesquisa adotaram-se os estudos críticos-teóricos de Arroyo (2011), Candido (2000), Cademartori (2010) Coelho (2010) e outros. As considerações realizadas por esses críticos são importantes, pois permitem perceber a posição do autor literário e avaliar o valor e a pertinência de suas obras dentro de um determinado contexto social.

Ressaltamos ainda que a pesquisa tem caráter bibliográfico e documental. Nesse sentido, abarca o estudo da historiografia literária e das práticas culturais locais, no que se refere ao aparecimento da produção de textos direcionados a crianças e jovens no estado do Amazonas.

Para compor o *corpus* deste estudo foi necessário primeiramente um trabalho de campo centrado nas principais bibliotecas do Estado, que teve seu início desde o início do projeto de iniciação científica. Dentre essas bibliotecas é possível citar a Biblioteca Pública do Estado, Biblioteca do Centro Cultural Povos da Amazônia e biblioteca do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas – IGHA, todas localizadas em Manaus. Após esse trabalho de mapeamento, realizamos a análise do material encontrado acerca de sua potencialidade, utilizando-se como base teórica os autores anteriormente citados. Além disso, para a continuidade da pesquisa, o material encontrado juntamente com suas análises, foi aproveitado e aperfeiçoado neste estudo.

Em suma, o objetivo da pesquisa foi verificar como está estruturada a literatura infantojuvenil produzida no Amazonas. Além disso, rastrear os primeiros registros voltados para esse gênero e, assim, apresentar como está estruturado o sistema literário infantojuvenil amazonense.

2. A LITERATURA INFANTOJUVENIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A literatura infantojuvenil apresenta seu surgimento com o francês Charles Perrault, no século XVII. O autor coletou lendas e contos da Idade Média e os adaptou, constituindo assim, os chamados contos de fadas. Já no século XIX, os irmãos Grimm realizam outra coleta de contos populares na Alemanha e assim, alargam a antologia dos contos de fadas.

Além deles, outros autores como o dinamarquês Christian Andersen (*O patinho feio*, *Os trajes do imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*) e o escocês James Barrie (*Peter Pan*) também se destacaram na literatura voltada para o público infantojuvenil.

Entre os autores e as obras citadas, destacam-se os textos de Charles Perrault. Isso ocorre devido ao fato de representarem como precursores da literatura infantojuvenil. Assim, a análise de seu trabalho requer um enfoque interdisciplinar, pois levantam questões relacionadas não apenas ao popular, mas ao didático. O autor inicia seu trabalho no reinado do rei Luís XIV, após a *Fronde*, movimento popular contra o governo absolutista do então rei Luís XIV. Os contos chegam a conhecimento do autor através de contadores populares que, na época, trabalhavam como servos. Além disso, é preciso levar em consideração que se trata de um momento de grande tensão entre as classes devido a todas as marcas de repressão causadas pelos movimentos populares. Desse modo, os contos do burguês Perrault apresentam certo sarcasmo em relação ao popular e ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de realizar uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica.

Nesse sentido, os critérios educativos presentes em seus contos revelam os princípios regidos pelo contexto social da época. Nesse período, ocorreram convulsões religiosas marcadas pela Reforma e Contra-Reforma. Nessa perspectiva, de acordo com Cadermatori:

A Reforma, sob pressão dos acontecimentos, compreendeu que não podia se sustentar sem captar para seus interesses a massa popular. Nasce daí o

esforço extraordinário dos protestantes no campo da educação. A Contra-Reforma tem de seguir a estratégia. Principalmente após os movimentos da Fronde torna-se necessário educar e controlar o povo pela ameaça de interferência no poder. A mesma atitude, mantida em relação à criança, é mantida em relação ao povo: este é, para os poderosos, como uma grande criança que precisa ser ensinada a obedecer. (CADEMARTORI, 2010, p.46)

A partir dessas considerações, é possível perceber que a história religiosa e escolar do século XVII é dominada pela luta de forças marcada pela Reforma e Contra-Reforma. No entanto, o grande período da produção de contos de Perrault antecede as convulsões religiosas, pois na realidade, “essa literatura já existia antes dele sob duas formas: a de literatura pedagógica, na cultura erudita, de que são exemplos os textos dos jesuítas, e a de literatura oral, de vertente popular, com ditos e provérbios” (CADEMARTORI, 2010, p. 44). Entre muitos elementos, foi justamente a utilização desses ditos e provérbios que garantiram a recepção dos contos de Perrault, devido à facilidade de serem retidos pelo público infantil.

Nesse viés, “o trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia.” (CADEMARTORI, 2010, p.41). Dessa forma, é possível perceber a consciência do autor em relação a seu papel social e a preocupação com o público a ser atingido.

No que tange ao público a ser atingido, são necessárias algumas considerações acerca de como esse público era concebido pela sociedade. Na época, a criança era considerada como um adulto em miniatura e devido a isso, a literatura tinha como objetivo apresentar um caráter pedagógico para que a criança atingisse o nível de maturação dos mais velhos. Assim, os contos coletados nas fontes populares são divulgados com a intenção de atingir esse objetivo.

Em suma, a literatura infantojuvenil apresenta como grande precursor o francês Charles Perrault, no século XVII. Desse modo, como já foi discutido anteriormente, seus contos levanta questões com o didático e o popular, apresentando assim, um enfoque interdisciplinar. Assim, seus contos são de grande importância para a literatura infantojuvenil.

2.2A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL

De acordo com a autora Nelly Novaes Coelho em sua obra *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil* (2010), a primeira metade do século XIX consistiu na época em que o país inicia sua caminhada para o progresso econômico, a independência política e a conquista da cultura. Com a chegada da família portuguesa para o país, em 1808, houve a criação de medidas tomadas por D. João VI, com a intenção de preparar a colônia brasileira para ser a nova sede do reino de Portugal. Posteriormente em 1822, o príncipe Dom Pedro reage às decisões da nova Constituição Portuguesa que tinham como objetivo fazer o Brasil voltar a ser colônia. Assim, Dom Pedro proclama a independência e se torna o imperador do Brasil, intitulado como Dom Pedro I.

No setor do Ensino, a situação era um dos problemas que mais preocupavam a corte. Após ser fundado o império no Brasil, tem início debates e projetos que tinha como objetivo o ensino primário, secundário e superior nos moldes das diretrizes iluministas. Muitos desses projetos puderam ser concretizados, mas grande parte frustrou-se. (COELHO, 2010, p. 219). Nesse contexto, a fundação de escolas, e em consequência disso à evolução do ensino, proporcionaram o surgimento do livro especialmente voltado para crianças. A produção de livros destinados ao ensino da leitura e escrita na escola foi de grande importância para o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil. Outro fator muito importante para delinear essa literatura, consiste nas adaptações em tradução brasileira de clássicos da literatura infantil. Nesse sentido, um dos autores que mais se destacam é Carlos Jansen. Após perceber as deficiências que havia na literatura infantil no Brasil e os problemas ocasionados pelas traduções dos originais portugueses, Jansen adaptou obras clássicas como *As viagens de Gulliver*, *D. Quixote de La Mancha*, entre outros. Dessa forma, “Carlos Jansen encontra-se entre os pioneiros de nossa literatura infantil não só pelas traduções, mas pela consciência do problema que essa literatura encontrava.” (ARROYO, 2010, p.242).

Apesar da evolução em criar um material voltado para crianças e jovens, essa literatura encontrava-se presa aos cânones pedagógicos. No entanto, isso mudou com a estreia de Monteiro Lobato. Na literatura lobatina estão às bases para uma verdadeira revolução na literatura infantil brasileira. Dessa forma, Lobato consegue realizar uma literatura capaz de transcender a temática pedagógica, até então realizada no país.

A partir da correspondência trocada pelo autor com seu amigo Godofredo Rangel, sabe-se que, já em 1916, Lobato já se preocupava com o material voltado para o público infantil. Em 1920, foram publicados fragmentos da história de “Lúcia ou Menina do Narizinho Arrebitado” na *Revista do Brasil* (SP). No mesmo ano é publicada pela editora do autor, Monteiro Lobato & Cia, o volume de *A menina do Narizinho Arrebitado* com ilustrações coloridas de Voltolino. Pelo fato de ser classificado como um livro de figuras, a obra foi incluída na Escola Nova, que destacava a função da imagem nos livros direcionados ao público infantil. Nesse viés, de acordo com a autora Nelly Novaes Coelho:

Seu sucesso irrestrito entre os pequenos leitores decorreu, sem dúvida, de um fator decisivo: eles se sentiam identificados com as situações narradas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação familiar e afetiva, que era subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico, com a mais bela naturalidade. Tal como Lewis Carroll fizera com Alice no País das Maravilhas, na Inglaterra de cinquenta anos antes, Monteiro Lobato o fazia no Brasil dos anos 20: fundia o Real e o Maravilhoso em uma única realidade. (COELHO, 2010, p. 49).

Sua vasta produção na literatura infantojuvenil embarca obras originais, adaptações e traduções. As originais são: *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920); *Narizinho Arrebitado – 2 Livro de Leitura e o Saci* (1921); *Fábulas e o Marquês de Rabicó* (1922); *A Caçada da Onça* (1924); *A cara de Coruja, Aventuras do Príncipe, Noivado De Narizinho e O Circo de Cavalinho* (1927); *A Pena de Papagaio e O Pó de Pirlimpimpim* (1930); *As Reinações de Narizinho* (1931); *Viagem ao Céu* (1932); *As caçadas de Pedrinho e Emília no País da Gramática* (1933); *Geografia de Dona Benta* (1935); *Memórias de Emília* (1936); *O Poço do Visconde* (1937); *O Pica-Pau Amarelo* (1939) e *A Chave do Tamanho* (1942). Entre as adaptações se destacam: *O Irmão de Pinóquio, O Gato Félix* (1927); *História do Mundo para Crianças* (1933); *História das Invenções* (1935); *D. Quixote para Crianças* (1936); *Serões de D. Benta e Histórias de Tia Nastácia* (1937) entre outros. No que se refere às suas traduções, foram produzidas nos anos de 1930. Entre elas destacam-se: *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, *Mowgli, o Menino Lobo* e *Jacala, o Crocodilo*, de Rudyard Kipling; *Os Negreiros da Jamaica*, de Maine Reid, entre outros.

Uma das principais características de suas obras consiste na ligação entre literatura e as questões sociais. “Dessa natureza é nacionalismo de Lobato: sem ufanismos, sem patriotada, o olho crítico e impiedoso na realidade do país, a inconformidade com os

problemas da sociedade brasileira”. (CADEMARTORI, 2010, p. 52). Desse modo, segundo a referida crítica:

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança, estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista. (CADEMARTORI, 2010, p.54).

Portanto, é perceptível a mudança que a literatura infantil sofreu antes e depois de Lobato. Nesse sentido, o livro destinado a esse público torna-se lúdico e não apenas didático, e dessa forma, ganhou independência, pois não precisava mais subordinar-se a literatura escolar. Assim, Lobato conseguiu firmar-se na literatura infantil sendo, até na atualidade, referência no gênero.

2.3. LITERATURA INFANTOJUVENIL NO AMAZONAS

Entre os estudos voltados para o público infantojuvenil no Amazonas, destacam-se a dissertação de mestrado de Lucila Bonina intitulada “Literatura infantojuvenil: Compendo um panorama da produção amazonense”. O trabalho possui como principal objetivo compor um panorama da produção infantojuvenil no Amazonas. Para compor sua dissertação, a autora realiza uma explanação acerca da literatura infantojuvenil e sua relação com a infância, pedagogia e a arte. Além disso, apresenta o percurso da literatura infantil no Brasil e as tendências da literatura infantil contemporânea. Por fim, nos capítulos 2 e 3 que consistem nos últimos capítulos de sua dissertação, a autora apresenta o percurso da literatura infantojuvenil no Amazonas, além de tratar sobre a Editora Valer e o autor amazonense Elson Farias. Para finalizar seu estudo, apresenta um panorama da produção voltada para crianças e jovens no Amazonas, que data de um período de 1982 até 2012.

O percurso sobre a literatura infantojuvenil no Amazonas tem início quando se leva em consideração que essa se situa cronologicamente no contemporâneo. Além disso, caracteriza-se por ser uma produção emergente que ainda precisa legitimar-se no cenário local e nacional.

Bonina, atribui o “atraso” da produção voltada para o público infantojuvenil no Amazonas, na falta de prestígio sofrida pelo gênero no Estado. Assim, somente quando o Estado do Amazonas começou a se desenvolver no âmbito editorial que há a produção de

obras literárias voltadas para esse público. Dessa forma, apenas na década de 2000 que a produção de obras voltadas para crianças e jovens se torna regular e tem como a Editora Valer a principal detentora da maioria das edições.

Outro aspecto para explicar o desenvolvimento da literatura infantojuvenil no Amazonas consiste na ascensão das famílias de classe média e no desenvolvimento social brasileiro nas últimas décadas, o que refletiu na expansão do Ensino Fundamental. Desse modo, a escola passou a ter como meta a necessidade de produzir material voltado para o público infantojuvenil, com a intenção de formar novos leitores. Assim, o contexto sociocultural em que a produção amazonense insere-se é similar ao surgimento da literatura infantil universal.

Após essas considerações, será apresentado o levantamento da produção amazonense para o público infantojuvenil realizado pela autora, a partir de sua pesquisa de campo, sendo apresentadas obras que datam de um período de 1982 até 2012. Por fim, sua dissertação é finalizada com a apresentação de um dicionário contendo todo o material encontrado em ordem alfabética juntamente com as todas as informações encontradas a cerca das obras.

Portanto, a dissertação da autora Lucila Bonina intitulada como “Literatura infantojuvenil: Compendo um panorama da produção amazonense”, possui grande importância no que se refere à literatura infantojuvenil no Amazonas e, por isso, foi utilizada como uma das principais bases teóricas para compor estudo.

2.3.1. PRIMEIROS TEXTOS DIRECIONADOS

A metodologia deste estudo se desenvolveu por meio de duas etapas distintas. A primeira etapa consistiu na fase de mapeamento da pesquisa centrada nas principais bibliotecas de Manaus, a saber: Biblioteca Pública do Estado, Biblioteca Arthur Reis, Biblioteca do Centro Cultural Povos da Amazônia e biblioteca do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas - IGHA. No entanto, não foi possível visitar a Biblioteca Arthur Reis, pois esta se encontrava fechada.

Durante a fase de mapeamento é importante destacar alguns aspectos negativos e positivos. Um aspecto negativo consistiu na escassez de material no que se refere à literatura infantojuvenil. Na Biblioteca Pública do Estado, por exemplo, foi possível encontrar clássicos da literatura infantojuvenil mundial, porém, quanto à produção local há uma falta. Já os

aspectos positivos são possíveis destacar alguns. O primeiro deles se refere a um considerável acervo de periódicos presentes em todas as três bibliotecas visitadas. Outro aspecto positivo consiste na receptividade dos funcionários das bibliotecas, o que se tornou essencial para o andamento da pesquisa.

Antes de apresentar os resultados, é necessário esclarecer a respeito da ordem cronológica que foi escolhida para esta pesquisa. Ao considerar que o teatro infantojuvenil começou a se desenvolver no Estado a partir dos anos 70 e os primeiros textos direcionamentos para esse público nos jornais a partir dos anos 80, foi proposto que o mapeamento iria até a década de 60. Desse modo, houve uma busca em periódicos até essa década, pois o objetivo deste estudo foi buscar os primeiros direcionamentos voltados para crianças e jovens no Amazonas e assim, apresentar como o sistema literário local voltado para este público foi sendo estruturado.

A partir da fase de mapeamento foram encontradas Revistas da década de 20 e 30. A primeira encontrada é intitulada como “Revista do Ensino”, sendo sua primeira edição lançada em 1920. Ao longo dos anos, a Revista mudou de nome para “Revista da Educação da Sociedade Amazonense de Professores”, sendo encontradas edições da década de 30.

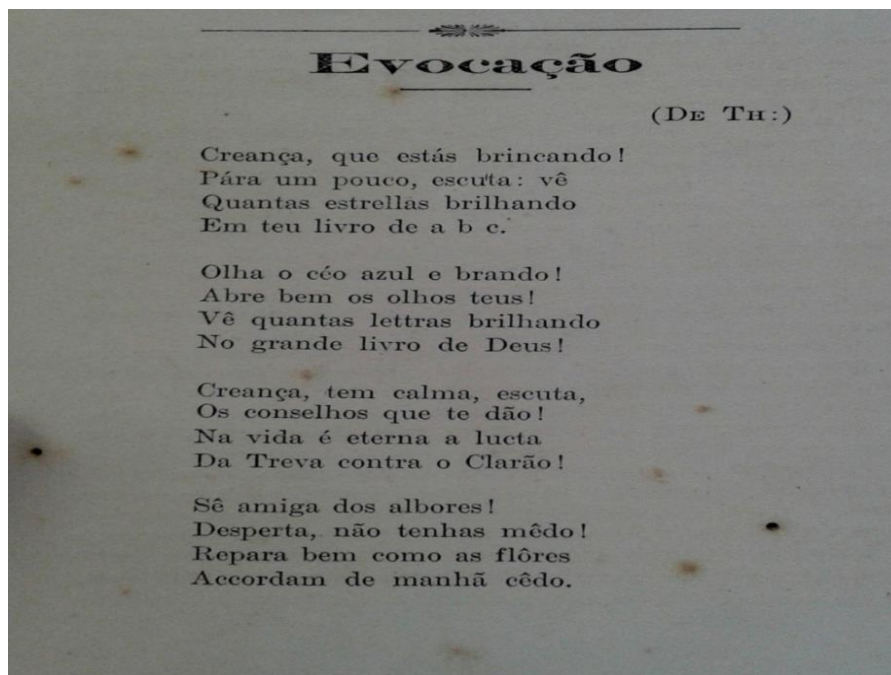
Foi encontrada também a “Revista Vitória Régia” da década de 30. Assim, diante do material coletado podemos afirmar que não foi encontrado nenhum conteúdo infantojuvenil antes dessa data em jornais e nem em livros. Após essa fase de mapeamento, foram realizadas as análises do conteúdo levando em consideração o contexto social e cultural do Brasil e do estado à época.

2.3.2. ANÁLISE DOS TEXTOS DIRECIONADOS

2.3.2.1. Revista do Ensino: leitura e análise

2.3.2.1.1. Evocação

O soneto intitulado “Evocação” foi encontrado na Revista do Ensino do ano de 1920. Trata-se da primeira edição da revista que possui como principal objetivo apresentar um conteúdo voltado para a educação amazonense. Além desse, outro soneto intitulado “Conselhos” também foi encontrado na mesma revista.



Fonte: Revista do Ensino -AnnoI, Junho de 1920/n.1.

Para analisar o caráter ético, ou seja, o caráter educacional é necessário lembrar que ao longo dos anos a produção literária voltada para o público infantojuvenil apresentou uma problemática. Essa problemática envolve, por um lado, o debate entre o valor representativo de uma cultura de massa e, por outro, o valor inventivo do texto que representa um motivador de hábitos lineares de leitura. De acordo com Maria dos Prazeres, em sua tese intitulada “Monteiro Lobato, Clarice Lispector e Lygia Bojunga Nunes: O estético em diálogo na literatura infanto-juvenil”, defendida em 1994, o conteúdo voltado para esse público pode ser dividido em três paradigmas: paradigma A, paradigma B e o paradigma intermediário. O paradigma A preocupa-se com a veiculação de valores sociais e possui um caráter mais utilitário e menos icônico. Já o paradigma B trata da função artística do texto, que implica em um caráter icônico. E por fim, o paradigma intermediário consiste na copresença desses dois aspectos – icônico e utilitário. Desse modo, é possível classificar o soneto analisado no paradigma A, onde não predomina o caráter estético do texto, tampouco o intermediário.

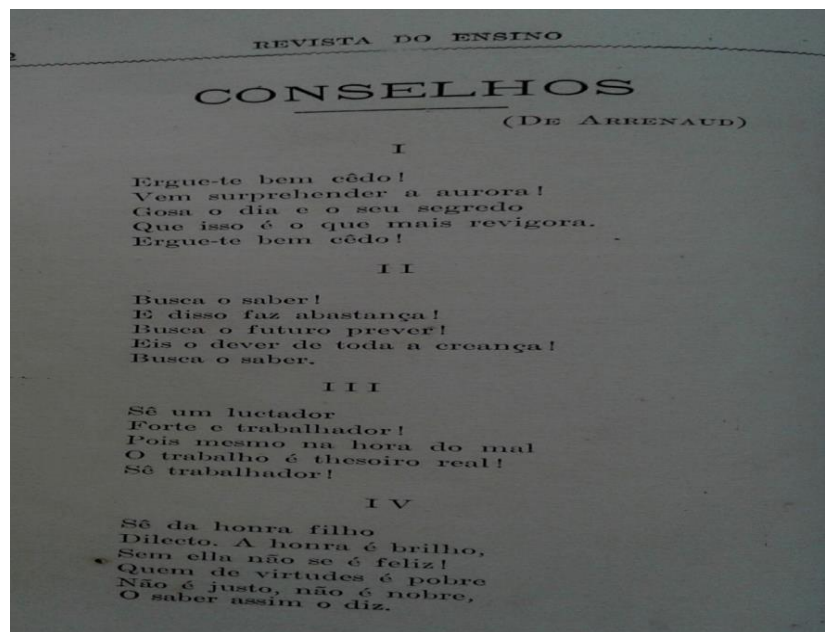
Outro ponto a ser destacado consiste no fato de que a Revista não apresenta o nome do autor do soneto. Há apenas as iniciais “TH”. Como se tratava da primeira edição da revista acredita-se que o próprio autor optou pelo sigilo de seu nome, por se tratar da primeira edição e por temer a reação do público com a Revista e com o conteúdo.

Ao analisar a potencialidade do conteúdo apresentado no soneto foi levantada a seguinte questão: Qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Nesse sentido, surgem duas respostas: “A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais.” (CANDIDO, 2000, p.18). No caso do conteúdo é possível afirmar que consiste em apresentar em que medida a arte é expressão da sociedade. O soneto analisado foi publicado em 1920 e apresenta a expressão de uma sociedade da época. A década de 20 foi marcada na literatura pelo embate entre o Tradicional e o Moderno. O Tradicional marcado pelas formas do Romantismo e Realismo e o Moderno pela estética libertadora do Modernismo de 22.

No âmbito da literatura voltada para o público infantojuvenil no Brasil a década de 20 foi marcada pelos debates a respeito das reformas educacionais, sob influência dos novos métodos pedagógicos europeus e americanos. “Exigia-se a reformulação do processo pedagógico sobre novas bases sociológicas, psicológicas, biológicas e ativistas.” (COELHO, 2010, p. 263). Nesse contexto, surgiram no país várias reformas no ensino primário que acompanhavam as novas ideias. No entanto, por meio do soneto analisado, percebe-se que esse movimento inovador na área educacional chegou tardiamente no Estado, pois o soneto apresenta uma forma tradicional que não revela as inovações educacionais que estavam sendo ocorridas no país.

Um último aspecto a ser analisado é a questão do público. É possível perceber que devido a sua temática, a revista já possui um público específico, ou seja, um público que pretende atingir. Nesse sentido, a consciência do artista em relação ao seu papel social torna-se importante, pois ao considerar a década de 20 no Estado, como uma década ainda marcada pelos processos pedagógicos tradicionais, o artista precisou pensar em um conteúdo que apresentasse algo que o público quisesse ler. Desse modo, a revista é moldada para atender esse público específico.

2.3.2.1.2. Conselhos



Fonte: Revista do Ensino – Anno I, junho de 1920/n.1

O soneto intitulado “Conselhos” está publicado na Revista Do Ensino, de 1920. Esse se refere ao segundo soneto encontrado na primeira edição da Revista, que possuía como objetivo apresentar um conteúdo voltado para a educação, ressaltando então o seu caráter educacional.

Diferente do primeiro soneto citado, o qual constava apenas as iniciais do autor, o segundo traz o nome do autor Arrenaud, certificando então a sua autoria. Foi realizada uma pesquisa com a intenção de descobrir informações sobre o autor, porém nada foi encontrado.

Em relação ao conteúdo, o soneto “Conselhos” apresenta como o próprio título propõe, uma série de conselhos para o leitor, como mostra o seguinte trecho: “Busca o saber!/
E disso faz abastança!/
Busca o futuro prever!/
Eis o dever de toda a creança!”. É possível perceber que os conselhos apresentados ao longo do soneto, tentam moldar a criança a determinado tipo de comportamento. Após as considerações acerca dos paradigmas presentes no conteúdo voltado para o público infantojuvenil, é possível afirmar que o soneto apresentado assim como o primeiro, refere-se ao paradigma A, que consiste no caráter ético. Além disso, é importante destacar que o conteúdo da “Revista Do Ensino” não está relacionado apenas à Língua Portuguesa, mas abrange outras áreas do conhecimento apresentando um conteúdo de caráter ético.

Um dos aspectos utilizados para analisar o conteúdo apresentado é a questão social. Para analisar essa questão, é necessário levar em consideração que a arte é social através de dois sentidos. No primeiro são os fatores do meio que se exprimem na obra. O segundo refere-se à maneira como é despertado no público os valores sociais, que depende da consciência dos artistas a respeito de seu papel.

Nesse viés, a posição social do artista possui extrema importância. No caso de Arrenaud, é possível analisar que escreveu o soneto “Conselhos” seguindo os padrões da época, e ao escolher o tema referente à educação usou uma certa forma, a do soneto. Tal forma escolhida supostamente revela a preocupação da revista com o caráter ético, pois o soneto com sua forma fixa, rígida métrica e rima, retomam as formas clássicas literárias.

Ainda em relação à posição social do artista, é necessário levar em consideração que:

A posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente. Deve-se notar, a propósito, que embora certos escritores tenham individualmente alcançado o pináculo da consideração em todas as épocas da civilização ocidental, o certo é que, como grupo e função, apenas nos tempos modernos ela lhe foi dispensada pela sociedade.(CANDIDO, 2000, p. 69).

Assim, é possível perceber que no conteúdo apresentado, o escritor não demonstra seu posicionamento social, ao contrário, ele evidencia um conteúdo voltado para atingir determinado público. Desse modo, o escritor depende do público, pois a aceitação de seu trabalho depende da aprovação por parte desse grupo.

A partir dos pressupostos apresentados, não há dúvidas da importância das forças sociais para analisar o conteúdo de uma obra. Além disso, é possível perceber que o fator social guia o artista de tal forma que sua obra pode ou não, ser considerado um bem coletivo. Porém, alguns elementos precisam ser analisados para avaliar se tal obra pode ser considerada um bem coletivo.

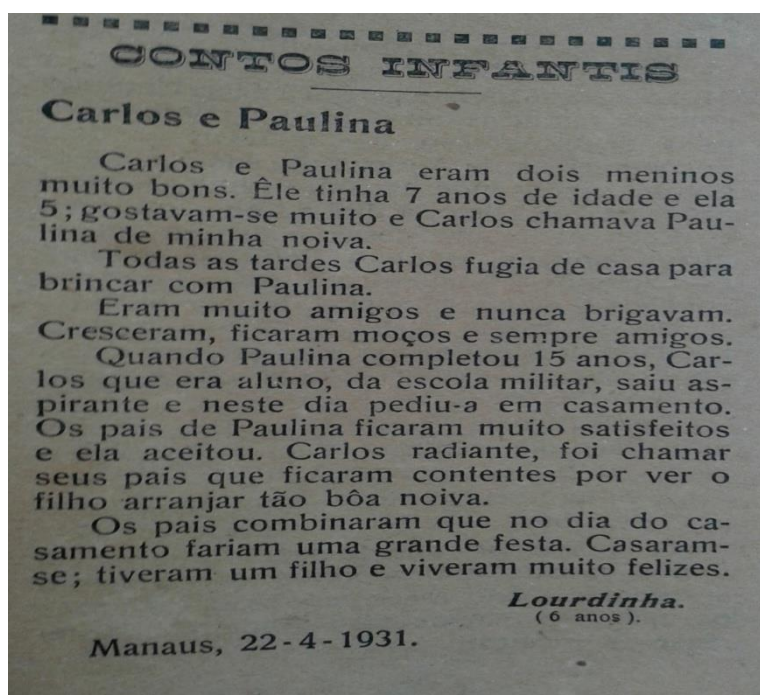
Nos sonetos apresentados até o momento, na primeira edição da “Revista do Ensino”, é perceptível que seu conteúdo pode ser considerada uma arte coletiva. Para chegar a essa

conclusão, alguns elementos foram levados em consideração. O primeiro elemento consiste na ocasião da obra ser produzida; o segundo é a necessidade dela ser produzida e o terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo. Assim, o conteúdo apresentado configura-se na arte coletiva, pois foi criada pelo artista levando em consideração os valores da época e a importância de tal conteúdo para a sociedade.

Portanto, ao analisar os dois sonetos da primeira edição da Revista do Ensino de 1920, tornou-se necessário levar em consideração os elementos: autor, obra e público, os quais configuram-se como elementos essenciais de um sistema literário. Além disso, outro fator importante para a análise consiste nos fatos sociais que determinam o conteúdo de uma obra e sua importância para o público que deseja ser alcançado.

2.3.2.2. Revista de Educação da Sociedade Amazonense de Professores (1932-33)

Além da primeira edição da “Revista do Ensino”, publicada em 1920, foram encontradas também outras edições, datadas dos anos 1932 e 1933. No entanto, com o tempo, a revista mudou de nome e passou a ser intitulada “Revista de Educação da Sociedade Amazonense de Professores”. Nas edições desses anos foram encontrados os contos “Carlos e Paulina”, “A felicidade de Branca”, “Festa da árvore em Parintins”, “O castigo da orgulhosa”, “O cãozinho de Lili” e “Amor Fraternal”.



Revista de Educação da Sociedade Amazonense de Professores – Anno II/ dezembro de 1932, n.05

A suposta autora dos contos chama-se Lourdinha e trata-se de uma criança de 6 anos que escrevia para a Revista. Para saber se tal informação era verdadeira, foi realizada uma pesquisa com a intenção de encontrar dados acerca da autora e confirmar se realmente se tratava de uma criança. Porém, nada foi encontrado sobre Lourdinha.

O conto escolhido para a análise narra a história de duas crianças chamadas Carlos e Paulina. Ao longo da história, a suposta narradora conta que os dois eram muito amigos e mostra a evolução que essa amizade sofreu até chegar ao casamento dos dois.

Em relação a seu contexto, é interessante avaliá-lo levando em consideração os valores da época. Como se trata da década de 30, é perceptível a valorização do casamento devido ao seu destaque na história. Além disso, a idade também é algo que chama a atenção. Carlos esperou Paulina completar 15 anos para se casarem, o que mostra que essa seria a idade ideal para uma moça se casar. Desse modo, é perceptível a valorização desses aspectos para a época em que o conto foi escrito.

Nesse viés, é possível analisar o conto de Lourdinha levando em consideração outras perspectivas. Nos textos anteriores, foi discutido a respeito da função social do conteúdo e a posição social do artista. No caso do conteúdo apresentado pela artista, os pressupostos devem ser analisados de maneira diferenciada. De acordo com Antonio Candido:

A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. De acordo com (CANDIDO, 2000, p.68):

Nessa perspectiva, é possível levar em consideração a artista e a formação do público. Como supostamente é criança, não é possível afirmar se ela possui consciência de sua posição social e da sua função em corresponder às expectativas de um determinado público. No entanto, ao analisar o conteúdo de suas histórias é possível encontrar elementos referentes aos valores da época, o que revela a preocupação com o ponto de vista social. Ao levar em consideração novamente a idade da artista, é possível afirmar que essa preocupação com o

social não diz respeito a uma criança de 6 anos, e sim de um adulto que pretendia alcançar as expectativas de um determinado público.

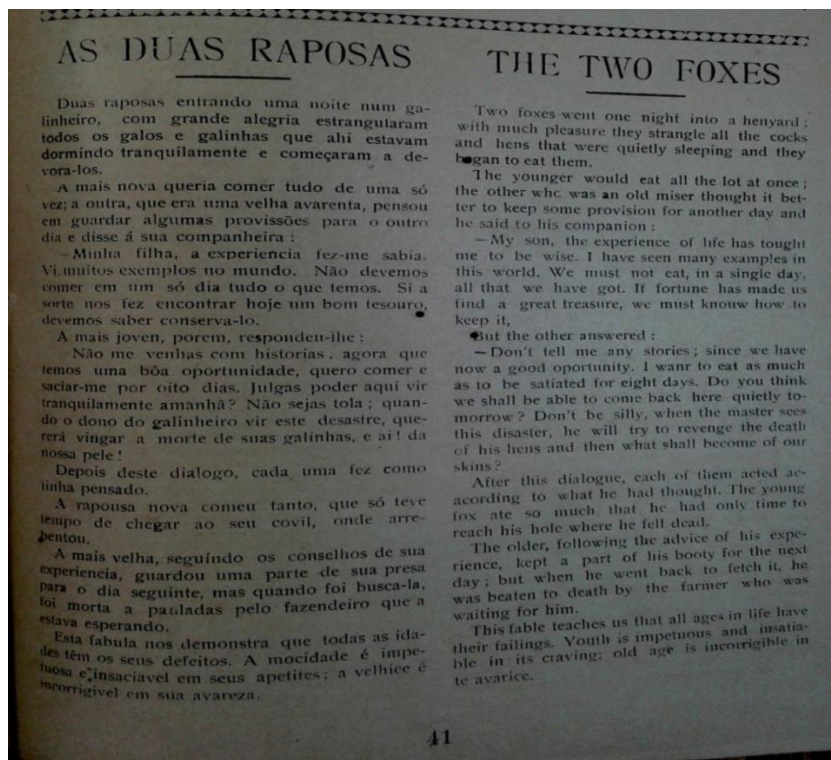
Nesse âmbito, outro aspecto importante é o público. Esse se caracteriza como o mais importante de um sistema literário, pois ao mesmo tempo em que o artista possui uma função social e a obra uma mediação entre esses dois aspectos, o público caracteriza-se como a condição para a obra ser aceita ou não. Dessa forma, é essencial o determinado tipo de público a ser conquistado.

Outra questão a ser avaliada é a estrutura dos contos. Através da leitura dos foi possível perceber que eles apresentam uma preocupação estética com presença de poeticidade e um caráter inventivo. Além disso, alguns contos como “A felicidade de Branca” e “O castigo da orgulhosa”, apresentam além do caráter estético uma preocupação com os valores, pois apresentam punições às pessoas que não possuem virtudes dignas. Assim, ao lembrar dos paradigmas propostos por Maria dos Prazeres, os contos revelam o paradigma intermediário, pois apresentam tanto a questão ética quanto estética.

Como já foi citado nas análises anteriores, fatores sociais externos possuem influência na estrutura e no conteúdo de uma obra. No caso de Lourdinha, é possível chegar à conclusão de que outras figuras importantes como sua família, estavam por trás desse processo para avaliar o determinado público que se desejava alcançar. Assim, acredita-se que um adulto se passou por uma criança de 6 anos para escrever para a Revista, para alcançar um determinado público. Portanto, as forças sociais juntamente com os aspectos estruturais dos contos levando em consideração a sua estética, são essenciais para chegar a essa consideração.

2.3.2.3. Revista de Educação da Sociedade Amazonense de Professores (1933)

Além da primeira edição da “Revista do Ensino”, publicada em 1920 e das produções da suposta autora Lourdinha, encontradas na “Revista de Educação da Sociedade Amazonense de Professores” datadas dos anos 1932 e 1933, outra produção também foi encontrada. Essa produção se trata de uma fábula intitulada como “As Duas Raposas”, possuindo também um título em inglês que consiste em “two foxes”, publicada em 1933.



Fonte: Revista de educação da sociedade amazonense de professores – Anno II/Março de 1933, n.06.

A fábula narra a história de duas raposas; uma nova e outra mais velha. Ao longo da história, as duas entram em um embate sobre o que fazer a respeito dos animais que conseguiram capturar em um galinheiro. A raposa mais nova queria comer tudo de uma vez só; por outro lado, a mais velha achou melhor guardar o restante para comer no dia seguinte. Ao final, a história deixa a seguinte a seguinte moral: “(...) todas as idades têm os seus defeitos. A mocidade é impetuosa e insaciável em seus apetites; a velhice é incorrigível em sua em sua avareza”. Ou seja, nenhum dos lados estava correto.

Como já foi dito anteriormente, forças sociais são capazes de influenciar o conteúdo de uma obra e assim, mostrar se o conteúdo é uma expressão da sociedade ou social, ou seja, interessado nos problemas sociais. No caso desta fábula, acredita-se que o primeiro aspecto seja o mais relevante. Nesse âmbito:

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. Eles marcam, em todo caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o

segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (CANDIDO, 2000, pg.20)

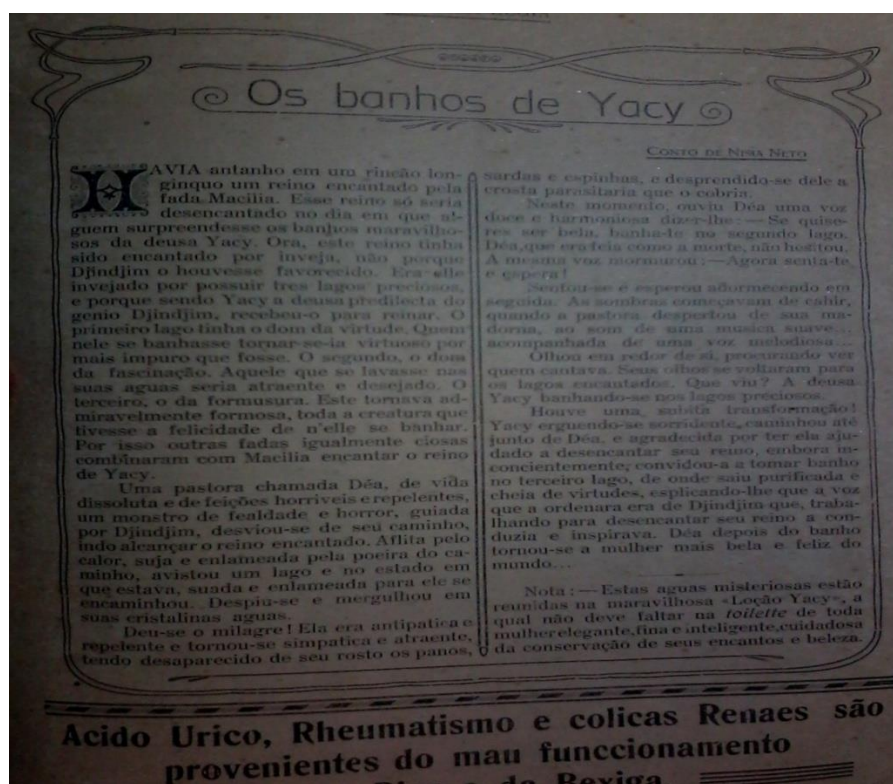
Baseando-se pelos conceitos de Antonio Candido (2000), é possível afirmar que o artista, seguindo os padrões de sua época escolheu o tema a ser trabalhado em sua obra. Em seguida, utilizou de certa forma para construir sua fábula e a síntese de todos esses elementos agiu sobre o meio. Assim, a partir dessa síntese, a arte pode ser dividida em dois grupos: a arte de agregação e a arte de segregação. A arte de agregação consiste na experiência coletiva e procura utilizar meios de comunicação acessíveis. Já a arte de segregação procura renovar o sistema simbólico buscando outros recursos expressivos com a intenção de atingir um público diferente.

Seguindo essa perspectiva, acredita-se que a fábula analisada consiste no segundo tipo de arte. Isso ocorre devido ao artista utilizar outros recursos em seu conteúdo. Um deles consiste na fábula possuir duas versões, uma em português e outra em inglês. O que mostra que sua intenção era atingir outro tipo de público.

A partir desses conceitos, é possível analisar os três elementos que formam um sistema literário, levando em consideração a formação de outro tipo de público e como o conteúdo da obra sofreu influência disso. Com as outras análises, os três elementos (autor, obra e público) já foram explorados levando em consideração o conteúdo de suas obras e seus artistas. No entanto, nesta fábula é possível perceber que o autor é alguém consciente de seu papel social e que precisa atender certas expectativas da sociedade, e devido a isso busca apresentar em seu conteúdo recursos novos que caracterizam sua arte como arte de segregação, como já foi dito anteriormente. Toda essa questão do artista reflete em sua obra, pois o seu conteúdo depende estritamente do artista e assim, funciona como uma mediação entre o artista e o público. Quanto ao público, trata-se de um grupo específico que era desejado atingir. Assim, o conteúdo e a forma, foram pensados nesse grupo com o objetivo de criar um diálogo entre criador e receptor da arte.

2.3.2.4. Revista Vitoria Regia (1932)

Além das revistas apresentadas anteriormente, foi encontrada também a “Revista Vitoria Regia”, edição de 1932. Nessa, consta o conto “Os Banhos de Yacy”, da autora Níssia Neto.



Fonte: Revista Vitória Régia – Anno I/Setembro de 1932/Nº 15.

O conto apresenta a história de reino encantado pela fada Cecília, porém quem reinava era uma deusa chamada Yacy. O reino possuía três lagos, cada um com um encanto diferente. Cada pessoa que entrasse em qualquer um deles receberia um de seus encantos.

Ao longo das análises, a questão da formação de um sistema literário constituído pelos três elementos – autor, obra e público-, foi muito explorado. Foi possível analisar cada um desses três elementos e sua devida importância nesse sistema. Além disso, a questão da recepção do público e a posição social do autor também foram elementos discutidos nas análises anteriores.

Nessa perspectiva, para a análise do presente conto, outros elementos serão levados em consideração. Um deles é a sociedade da década de 30. Essa década foi marcada pelo caos econômico e em seguida a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, os anos 30 foram marcados pelo Estado Novo que consistia na ditadura implantada por Getúlio Vargas. Assim, além de passar por reivindicações econômicas, o país também passava por reivindicações sociais.

Em meio a essas reivindicações, novas ideias pedagógicas surgiram nesse período. Nesse contexto, multiplicaram-se os setores preocupados com as questões educacionais que tinham como objetivo a inovação pedagógica. Em consequência dessa inovação no âmbito educacional, houve a expansão da produção de Literatura infantojuvenil, que encontrava sua base na “intencionalidade pedagógica que vinha do período anterior e que é perfeitamente legítima até hoje: o saber através do estudo (...) é o caminho ideal no preparo do indivíduo para a vida, como ser e como cidadão.” (COELHO, 2010, p. 264).

Através do conto analisado, é possível perceber que no Estado, a produção voltada para o público infantojuvenil acompanhava as inovações educacionais ocorridas no país. Nesse sentido, o conto apresenta um caráter ético, sem a preocupação com o estético, como já se apresentava nas obras de Lobato. Desse modo, a literatura infantil desse período produzida no Estado ainda consistia em um meio educativo, pois a maioria das produções encontradas - com exceção dos contos da suposta autora Lourdinha - levantava questões acerca do caráter ético

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do processo de pesquisa realizado na primeira etapa de mapeamento centralizado nas principais bibliotecas de Manaus foi possível encontrar produções de textos voltados para o público infantojuvenil referentes à década de 20 e 30. Nesse sentido o estudo apresentado, teve como um dos objetivos verificar como se estrutura a literatura infantojuvenil produzida no Amazonas.

Nessa perspectiva, objetivou rastrear os primeiros registros desse gênero literário sem deixar de avaliar o contexto histórico e cultural que, direta ou indiretamente, atuam ou atuaram na criação literária local. Desse modo, acredita-se que este estudo irá contribuir significativamente com a escrita de mais um capítulo da História da Literatura no Amazonas assim como da História da Infantojuvenil Brasileira, além de abrir novos caminhos para outras pesquisas no Estado que envolvam o mesmo tema.

4. BIBLIOGRAFIA

- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil Contemporâneo**. 5ª ed. Barueri, SP: Manole, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária**. 8 ed. São Paulo: T. A Queiroz, 2000.
- MENDES, Maria Dos Prazeres. **Monteiro Lobato, Clarice Lispector e Lygia Bojunga Nunes: O estético em diálogo na literatura infantojuvenil**. São Paulo: 1994.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil 2. ed.** São Paulo: Brasiliense, 2010.
- REVISTA DO ENSINO. Manaus: ____, Anno II, n.1, junho. 1920.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO DA SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES. Manaus: ____, Anno II, n. 05, dez.1932/jan. 1933.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO DA SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES. Manaus: ____, Anno II, n.06, fev./março. 1933.
- REVISTA VITORIA REGIA. Manaus: ____, Anno I, n.15, set. 1933.